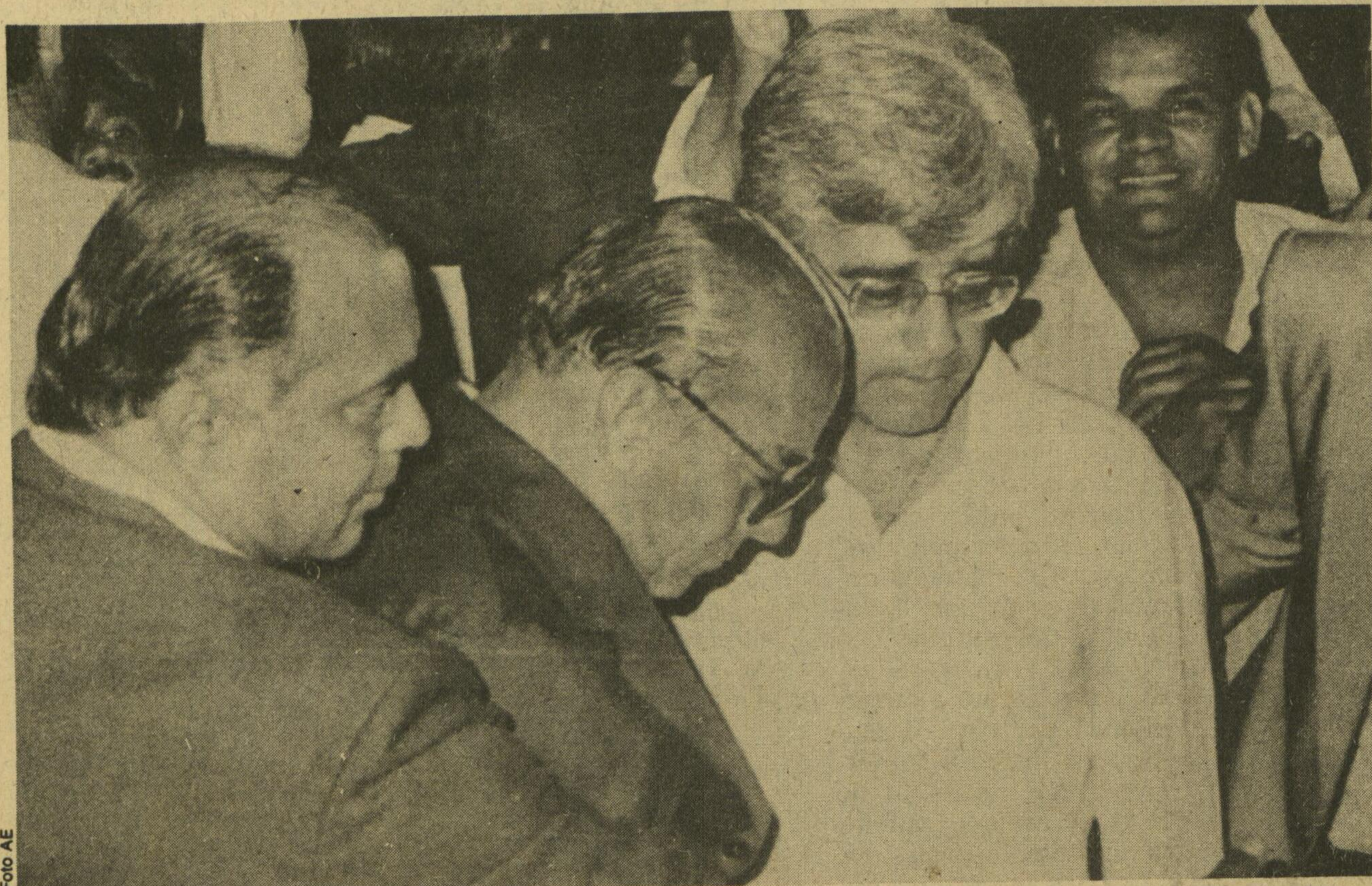


Especial
eleições
Cr\$ 30,00

Tribuna Operária

Ano IV — Nº 95 — DE 15 A 21 DE NOVEMBRO DE 1982

Chora Figueiredo está chegando a sua hora



Figueiredo deixa o palanque com Moreira, nervoso, cabisbaixo, cheio de raiva do povo que não se deixou enganar.

Vaias estrondosas para o PDS e o general Figueiredo deram a tônica na reta final para as urnas. No Rio, apupado por 200 mil, Figueiredo até chorou. E em Curitiba jogou a polícia contra o povo revoltado. Mas vaia grande mesmo será a do dia 15.

O general que virou cabo eleitoral do PDS já levava vaias antes, em Manaus, Minas e também sábado último, em Santa Maria. Mas não esperava que a arapuca montada pelo PDS para o povo carioca, domingo na Quinta da Boa Vista, virasse uma espetacular manifestação de protesto contra o regime da fome.

Tudo foi convocado como um grande show, a "Festa da Abertura", com Alcione, Sérgio Malandro, Wagner Montes, os Fevers e até a Orquestra Sinfô-

nica. A idéia do PDS era usar o povo presente como massa de manobra, fazendo daquilo um comício.

Enquanto os artistas se apresentavam a alegria era geral, até que o apresentador Sérgio Malandro chamou ao palco Figueiredo e o candidato do PDS. O clima então mudou e os 200 mil presentes receberam o general com uma vaia monumental.

Nervoso, Figueiredo abandonou o discurso escrito e ameaçou um pequeno improviso. Não adiantou. Teve que interromper-se por três vezes e terminou sob gritos e vaias, cabeça baixa, chorando de raiva daquele povo que não se deixava enganar.

Mostrando não ser nada malandro, Sérgio Malandro tentou contornar a situação chamando Moreira Franco para falar. Mas as vaias e gritos foram tão fortes que praticamente não se ouviu uma palavra do discurso do PDS.

No dia seguinte, em Curitiba, o PDS chamou a polícia para impedir a vaia. Um esquema aparatoso de repressão foi montado, enquanto os ônibus sumiam do principal terminal de transportes coletivos da cidade, onde seria o comício. Mas o povo, descontente, explodiu em vaias logo que Figueiredo subiu ao palanque. E enquanto o general pronunciava seu discurso, com dificuldade, a polícia entrava em ação. De revólver em punho, às vezes encostando o cano na cabeça de populares, deteve cerca de 200 pessoas, acabando de estragar a festa eleitoral do PDS.

Agora Figueiredo ameaça usar "as forças da repressão". O presidente do PDS, José Sarney, diz que as vaias "são sempre caso de polícia". O ministro Abi Ackel afirma que vai usar "a lei" contra elas. Mas dia 15 o povo terá um instrumento bem mais eficaz para protestar — o voto maciço contra o governo.

EDITORIAL

A marcha da vitória

Chega de arbítrio e de violência, chega de fome e de desemprego, basta de regime militar. É com este sentimento que os trabalhadores votam neste 15 de novembro. Votam contra o governo superpatrão, representante dos monopólios estrangeiros e nacionais, dos grandes banqueiros e latifundiários.

A marca principal da campanha eleitoral que se encerra foi a mobilização do povo e das forças democráticas para condenar veementemente nas urnas o governo da fome, da repressão e do entreguismo. Operários, camponeses, trabalhadores de todas as categorias, intelectuais, estudantes, personalidades democráticas, patrióticas e progressistas — e mesmo setores significativos das classes dominantes — levantaram a voz para promover a derrota do principal responsável pela situação de calamidade em que se encontra o país, o governo e o seu partido, o PDS.

Isolados e desmoralizados, os fascistas, os reacionários e entreguistas empedernidos, defensores do monopólio do poder nas mãos dos generais, tentaram os golpes mais sujos para salvar o regime. Mas a tendência geral é para a vitória da oposição. Mesmo em tradicionais redutos da reação e currais eleitorais dos coronéis latifundiários, o vento das idéias democráticas sopra forte e anuncia o fracasso do PDS. De nada valeram a corrupção, os casuismos, e a presença, direta do presidente Figueiredo como cabo eleitoral do PDS — que como troco por sua atuação arbitrária recebeu uma vaia de 200 mil pessoas no Rio de Janeiro.

De nada valeu também a tentativa de dispersar os votos oposicionistas. As próprias pesquisas realizadas por todo o país demonstram que o grande confronto nacional é entre o PDS e o PMDB. O povo compreendeu muito bem que a divisão dos votos só beneficia ao governo, e

ao PDS. A grande massa, que é pelo fim do regime militar, vota no PMDB nestas eleições, única legenda com reais possibilidades, no momento, de dar uma vitória nacional à oposição.

Dentro desta grande maré oposicionista, o núcleo mais destemido, mais combativo e mais avançado, é o bloco dos candidatos populares do PMDB. São operários, trabalhadores, democratas consequentes, que não lutam apenas por um "lugarzinho" no parlamento. São lutadores do povo e sabem que a vitória eleitoral da oposição, embora signifique um sério golpe nos donos do poder, não pode por si mesmo resolver os graves problemas de nosso país. São candidatos que apresentam um programa de lutas claro e definido. Pretendem fazer do parlamento uma tribuna de denúncias do regime militar, um instrumento de defesa dos interesses operários e populares, em ligação com o movimento geral pelas profundas transformações políticas econômicas e sociais que a situação do povo exige.

Votar nos candidatos majoritários do PMDB e eleger um forte contingente do Bloco Popular deste partido para as Câmaras de Vereadores, Assembleias Legislativas estaduais, para a Câmara Federal e para um bom número de prefeituras, fortalecerá a luta pela liberdade dentro e fora do parlamento e impulsionará a frente única democrática e de unidade popular em todos os terrenos.

A batalha que hoje se realiza tem como arma o voto. Uma vitória expressiva do PMDB e do Bloco Popular, será sobretudo uma vitória dos trabalhadores, que são os mais interessados em isolar, combater e liquidar o regime militar. A vitória oposicionista será um fator de união do máximo de forças contra o arbítrio e mudará a correlação política do país em favor do movimento democrático e popular.



A presença do Bloco Popular marca a campanha vitoriosa do PMDB no Estado de Goiás e no país inteiro

Bloco Popular do PMDB faz a festa a vitória

Uma força comprometida com os trabalhadores, que empurra o PMDB para adiante sob a bandeira da luta por Liberdade, Trabalho, Terra e Independência Nacional. Pág. 4



A batalha do dia 15: falam Ulysses, Teotônio, Alencar Furtado, Aurélio, Almino, Cristina Tavares, Haroldo Lima, Arantes

Chegou a hora de julgar nas urnas este governo. Entrevistas na pág. 3

A disputa feroz pela presidência

Os bastidores do Palácio do Planalto estão em reboição. As eleições, além de serem um aborrecimento para quem prefere nomear e depor governantes com o apoio de baionetas, estão se tornando uma ameaça aos planos continuístas dos generais para a sucessão presidencial em 1985.

É para garantir um mínimo de condições políticas para o regime indicar seu sucessor, que o general Figueiredo abandonou os encargos de presidente da República e corre desesperado por todo o Brasil como garoto-propaganda do PDS. Ele tenta evitar uma derrota fragorosa do partido governista, já visível nos principais centros políticos do país.

MUITA AMBICÃO

O ex-governador trombadinha Paulo Maluf também há muito tempo se preocupa com a presidência. Durante seu governo em São Paulo, gastou rios de dinheiro — dos cofres públicos — para comprar milhares de rosas para as esposas de generais e altas autoridades governamentais, para pagar passagem e hospedagem nos melhores hotéis de personalidades de todo o país condecoradas com medalhas e medalhas. E agora continua fazendo uma campanha multimilionária, usando e abusando da máquina governamental, criando sérios atritos ao invadir, num desatino para ser o deputado federal mais votado — e ter respaldo para se lançar em aventuras maiores, apesar de atrelado ao perdedor certo Reynaldo de Barros.

O coronel Andrezza também, há muito anda pelo país, com uma talão de cheques na mão, inaugurando incansavelmente qualquer coisa que possa inaugurar. E sempre lembra, humildemente que "nem está pensando na sucessão presidencial"... Sua grande dificuldade é que contava com a eleição de seus parceiros Eliseu Resende em Minas, Jair Soares no Rio Grande do Sul e Moreira Franco no Rio. Todos três repudiados pelo povo.

O vice-presidente Aureliano Chaves, por sua vez, vive repetindo, mesmo sem ninguém perguntar, que não está na hora de discutir a sucessão. E acrescenta que quando chegar a hora, "se for indicado"...



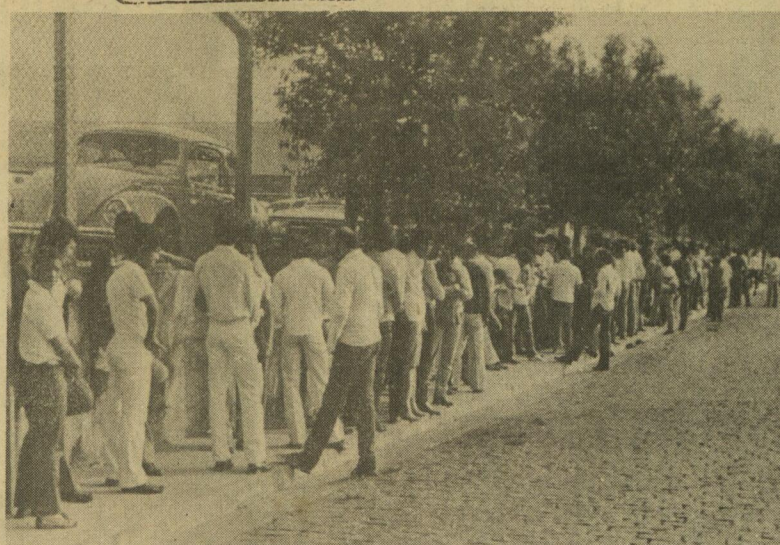
Andrezza sonha ser o "cacique" do Palácio do Planalto

A ambição não pára aí. O general Otávio Medeiros, como chefe do SNI, se julga um candidato nato. Ney Braga, também general da reserva, já se ofereceu publicamente. Marcos Maciel, de Pernambuco, foi sugerido pelo brigadeiro Délio Jardim e por Geisel. Todos carregam a cruz do desprezo popular. E o PDS deverá ser derrotado pelo povo nas urnas em seus Estados. O general Costa Cavalcanti pretendia iluminar sua candidatura com a energia da hidrelétrica de Itaipú, mas para seu azar, antes da sua inauguração, a electricidade já estava sobrando.

PRESSÃO DE MASSAS

Mas ao dar uma vitória esmagadora para a oposição, o povo tirará dos generais o importante apoio que até agora contavam dos governos estaduais e de prefeituras de grandes municípios. Tirará dos donos do poder a maioria parlamentar que até hoje vota de cabeça baixa tudo que o Palácio do Planalto ordena. Alterará significativamente o colégio eleitoral que sempre votou obedientemente nos candidatos previamente escolhidos pelo Alto Comando das Forças Armadas.

A vitória da oposição levará os donos do poder a um isolamento ainda maior do que já se encontram. E impulsionará grandemente o movimento democrático e popular. Criará condições para uma enérgica pressão de massas para exigir eleições diretas para a presidência da República.



Desempregados na Mercedes; o PT acredita num capitalismo sem desemprego

Proposta econômica social-reformista do PT (final)

A situação do Brasil se caracteriza pelo fato de que o regime ditatorial-militar, apesar de enfraquecido, permanece de pé, com suas leis e aparatos de repressão, pelo aprofundamento de uma crise econômica sem precedentes na história do país e pela circunstância de que embora tenha crescido, o movimento operário e popular ainda não acumulou força suficiente para garantir, sozinho, o fim imediato do regime militar.

A corrente predominante no PT desconhece que esta situação exige a mobilização e organização das camadas populares, e de todos os setores que se opõem à tirania, para por fim ao regime militar, acusando esta tática de "burguesa" e invocando a luta pelo "socialismo". Agora, porém, em seu Projeto de Programa Econômico, o PT transfere a conquista desse "socialismo", para um remoto "longo prazo", e em seu lugar propõe a luta por objetivos econômicos bem moderados e que não estão de forma alguma relacionados com uma perspectiva de fim do regime militar.

O endividamento externo exagerado e cumulativo é, hoje, uma expressão concentrada dos graves problemas econômicos que o país atravessa. O governo insiste em "girar" a dívida com novos empréstimos, obtidos à custa de maiores concessões econômicas e políticas às potências capitalistas e aos grandes grupos internacionais. Alarmados com a insolvência a que esse processo está arrastando o país, setores moderados na oposição pregam uma "renegociação" formal da dívida, através da qual fossem obtidos prazos maiores de amortização para desafogar a situação imediata do país, mantendo-se porém a obrigação de saldar todos os compromissos já assumidos. Uma terceira alternativa consistiria em suspender unilateralmente o pagamento das amortizações e juros da dívida impondo ao sistema financeiro internacional uma renegociação não só dos prazos, mas também os montantes dos compromissos a serem mantidos. Uma decisão grave como esta não pode ser uma iniciativa isolada; tem que ser vista como um passo inicial para a reconquista da soberania do país e para a busca de um novo modelo de desenvolvimento. Nesse sentido, é a solução que interessa aos trabalhadores.

Na questão da dívida externa o PT tem uma proposta conciliadora

O Projeto do PT, no entanto, propõe "uma renegociação global da dívida", com a finalidade de "acertar prazos de amortização e taxas de juros" compatíveis com a nossa capacidade de gerar "excedente exportável" sem reduzir o consumo interno (p.16). E lembrando que "aos credores o que interessa não é o pagamento da dívida externa, mas a manutenção do seu serviço, isto é, o pagamento dos juros e das amortizações", o PT ressalta que "um programa desta natureza é viável e pode, em princípio, ser aceito pelos credores externos do Brasil" (p. 16), deixando claro o espírito defensivo e conciliador de sua proposta.

O desemprego aberto é outro problema que, superpondo-se às taxas já elevadas e permanentes de subemprego ou desemprego disfarçado, vem angustiando os trabalhadores. Em face dessa calamidade, que tende a agravar-se no próximo ano, os trabalhadores podem e devem obter medidas de defesa, como o seguro-desemprego, a estabilidade ainda que temporária ou a redução da jornada de trabalho sem redução dos salários. Mas os trabalhadores não devem enganar-se: o problema do desemprego só começará a ser resolvido, pela raiz, no quadro de um regime democrático-popular e com o socialismo. É o que, de passagem, o Projeto do PT reconhece em um de seus capítulos: "Enquanto houver capitalismo, haverá desempregados" (p. 6). Contudo, contraditoriamente, ao tratar de uma "solução para o desemprego", o Projeto do PT sustenta ser possível, numa estrutura capitalista e ainda por cima dependente como a do Brasil, "absorver o exército industrial de reserva já existente e garantir emprego a todos os jovens que chegam ao mercado de trabalho" (p. 5). E ousa até fixar data para alcançar esse fantástico capitalismo sem desemprego e sem exército industrial de reserva: "O PT considera perfeitamente viável alcançar o pleno emprego no Brasil num prazo de 4 a 5 anos" (p. 5)!

O PT não vincula sua plataforma econômica ao fim do regime militar

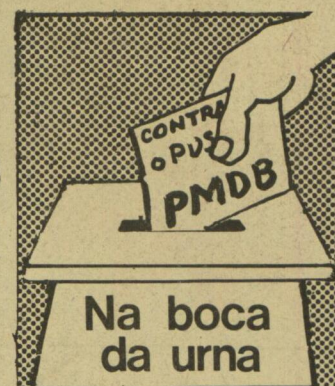
As propostas econômicas do PT não se afastam das que têm sido apresentadas (até com mais rigor e brilhantismo) por outros setores moderados e reformistas da oposição, como os que predominam no PMDB. Com duas diferenças substanciais, porém: o PMDB é uma frente, não se apresenta como um "partido dos trabalhadores"; e subordina seu programa econômico à conquista de um governo democrático de transição. Já o PT não vincula sua plataforma econômica ao fim do regime militar. Ao contrário, afirma que as medidas econômicas de seu Projeto podem ser efetivadas por "um governo com respaldo popular" (p. 17). "Respaldo popular" não é suficiente para caracterizar um governo; um governo burguês e reacionário pode, durante certo tempo, contar com apoio popular. Assim, o PT que nega a tática de uma frente antititular ampla e de um governo democrático de transição, defende reformas econômicas bem limitadas a serem conduzidas por um equívoco "governo com respaldo popular".

Fica evidente, portanto, o caráter do Projeto de Programa Econômico do PT. Para começar, agita a bandeira do socialismo. Mas esse "socialismo", além de impreciso e mal compreendido, é logo relegado para um remoto "longo prazo". Enquanto isso, a curto e médio prazo, defende-se uma plataforma que não vai além de um reformismo tímido do desenvolvimento capitalista dependente e combinado com o monopólio da terra, e de uma liberalização do regime autoritário. Portanto, com todo rigor, o Programa anunciado pelo PT merece a classificação de social-reformista. (Duarte Pereira)

Passeata feminina em Manaus

A gigantesca manifestação — uma passeata de 20 mil pessoas, a maioria mulheres, realizada em Manaus (Amazonas), no último dia 8, mostrou a força do PMDB na linha final de sua campanha no Estado. A passeata foi realizada para convocar o grande comício de encerramento da campanha, dia 12 na avenida Eduardo Ribeiro.

O candidato a governador do PMDB, Gilberto Mestrinho, seguiu à frente da passeata, em carro aberto. E, entusiasmado com a presença vibrante do Bloco Popular do PMDB na manifestação, pediu ao povo amazonense votos para o candidato popular, João Pedro, a deputado estadual.



Tradição de luta

"Onde estiver o povo em luta, eu garanto a vocês que estarei na frente para o que der e vier", afirmou, no Alto Vera Cruz, Belo Horizonte (Minas) o candidato do bloco popular a vereador, Francisco Luciano. "Chico Lu", como é conhecido pelos mineiros, tem longa tradição de luta popular em Minas, onde preside a Associação dos Moradores do Alto Vera Cruz, bairro pobre da periferia da capital.

PDS afoga-se na vaia

O comício que o PDS alagoano ia fazer domingo, na orla marítima de Maceió, afogou-se em vaia... Os candidatos governistas, Suruagy e Guilherme Palmeira, se esconderam num carro, mas foram achados pela multidão, aos gritos de "ladrões", "corruptos", entre outras qualificações. Os "cabos" eleitorais pedessistas chegaram a sacar armas contra os banhistas, mas mesmo assim foram expulsos do local. No final, não deu outra: o repúdio popular virou comício dos candidatos Eduardo Bonfim (deputado estadual) e Edberdo Ticianeli (vereador), do PMDB.

A censura ao PMDB

O Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo denunciou, através de um Boletim Especial, a censura nos jornais da cidade, que impede a veiculação de notícias relacionadas com o PMDB e a campanha do candidato da oposição ao governo, Gerson Camata. É o desespero do PDS local diante da evidência de sua derrota nas urnas, dia 15.

Complô no Mato Grosso

O pistoleiro João Domingos Salomé confessou, no último fim de semana, que havia sido contratado com outros três bandidos para matar os candidatos padre Raimundo Pombo (governador) e Garcia Neto (senador), do Mato Grosso. O mandante do crime: Humberto Cardoso, irmão do candidato do PDS ao governo, Júlio de Campos. Mais um "pecado" do PDS...

Candidato espancado

O candidato a vereador pelo Bloco Popular do PMDB de Cuiabá (MT), Manoel de Almeida, foi espancado e ameaçado de morte por três elementos que se disseram policiais. Os criminosos ainda chegaram a disparar, quando vizinhos e a esposa de Manoel vieram acudir-lo. A agressão ocorreu na porta da casa do candidato popular, e não há sinal de que os agressores serão punidos pelos órgãos de "segurança" do governo.

Domingo de Sol e PMDB

Mais de 40 mil pessoas prestigiaram o "Domingo de Sol e PMDB", realizado dia 7 em Maceió (Alagoas), com a presença dos candidatos da oposição e dos artistas Miucha, João do Vale, além de músicos da terra, como Ricardo Mota, Zé Luiz Pompe, Emídio e Grupo Chorinho Novo. Igual multidão já havia se concentrado em outra promoção artística do PMDB, no dia 3, com os alagoanos Djavan e Carlos Moura.

Mais um crime do PDS

Mais um candidato do

PMDB assassinado durante a campanha eleitoral: domingo, o candidato a vereador de Satuba (Alagoas), Jorge Adelson, foi assassinado por um soldado da Polícia Militar porque colava cartazes na parede. Detalhe: o soldado assassino é filho do candidato a prefeito pelo PDS de Satuba.

Caminhada da Vitória

Multidão calculada em 100 mil pessoas participou da maior manifestação da história da Paraíba: a "Caminhada da Vitória", promovida pelo PMDB em João Pessoa. A movimentação do povo durou 17 horas, da noite de sábado ao meio-dia de domingo. Os candidatos populares Valter Oliveira, Vladimir Dantas e Gilberto Teixeira, ao lado do candidato a governador pela oposição, Antonio Mariz, comandaram a grande marcha oposicionista.

Correndo aos quartéis

Num encontro com seus parceiros do PDS, no último domingo, o ex-governador trombadinha de São Paulo, Salim Maluf, desabafou: "Estas eleições são uma encruzilhada... Temos que vencer, senão teremos que acorrer aos quartéis, pedir uma nova 'revolução'. Pois é, o desesperado pedessista já se prepara para correr aos quartéis, com medo do povo..."

Apoio a Tancredo

Na reta final da campanha, mais uma adesão ao PMDB mineiro: o prefeito de Contagem, que é, filiado ao PDS, passou a apoiar Tancredo Neves e os candidatos da oposição. Contagem é o terceiro maior eleitorado de Minas, e o segundo município em arrecadação no Estado.

Ideal de liberdade

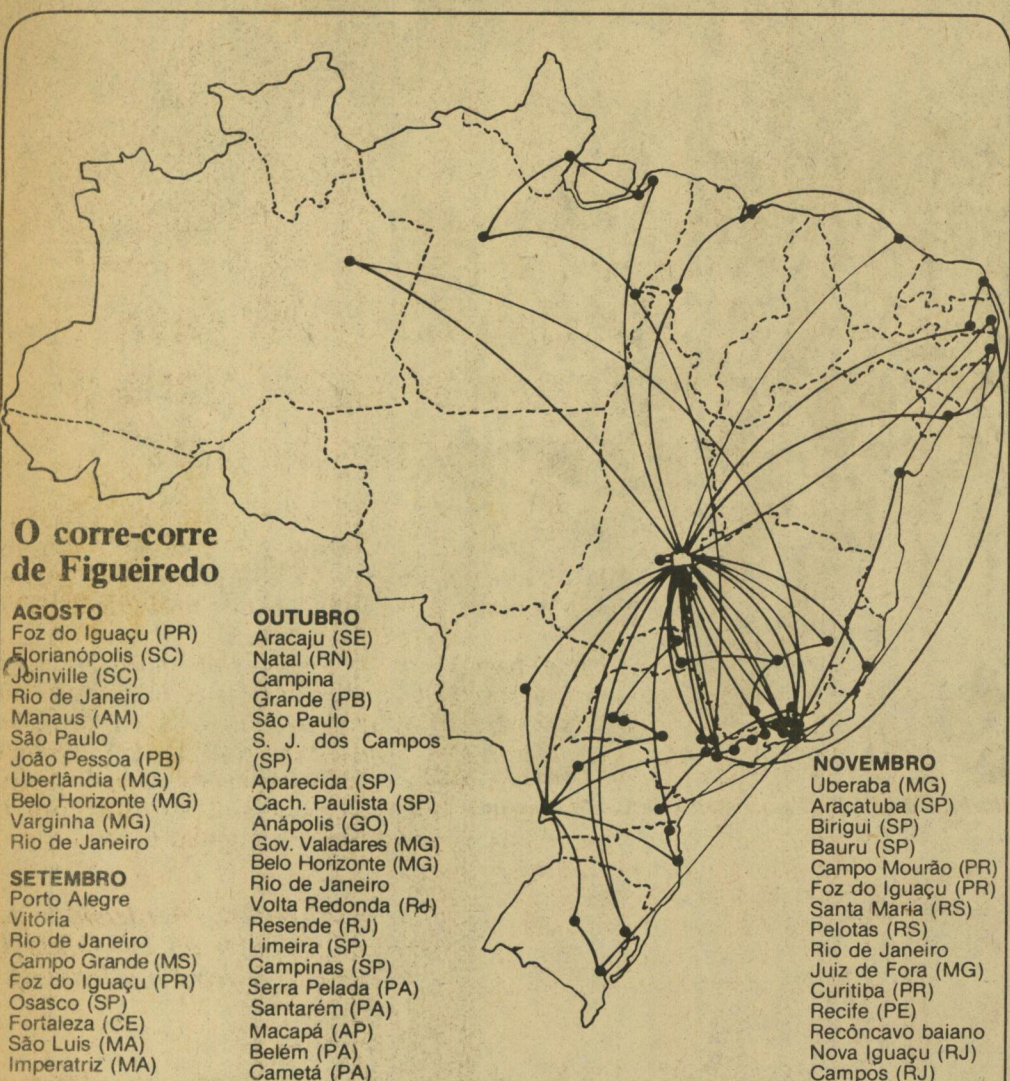
Lembrando o "ideal de liberdade", tão caro às tradições da Bahia", 80 personalidades das artes e ciências brasileiras, encabeçadas por Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Baby Consuelo e Pepeu Gomes divulgaram um manifesto apoiando os candidatos do PMDB baiano. O manifesto foi publicado em página inteira de vários jornais de Salvador.

Corrupção descarada

A corrupção já é descarada na campanha governista. Dia 8, em Porto Velho, o presidente do Banco do Brasil, Oswald Colin, disse que "o Banco do Brasil é um órgão do governo e, como tal, também ajuda a campanha do PDS". Como se vê, o Banco do Brasil está a serviço dos interesses políticos do partido dos generais.

Erro imperdoável

Na última edição da Tribuna Operária, devido a um problema gráfico, cometemos um grave erro: sob a foto do odiado general Figueiredo, saiu a legenda do candidato popular do PMDB pernambucano a deputado estadual, Luciano Siqueira. Pedimos desculpas aos leitores e ao próprio Luciano. Outro erro nosso: na edição n.º 93 afirmamos que o prefeito de Americana, Waldemar Tebaldi é filiado ao PDS. Na verdade, ele está sem partido, e apóia um dos candidatos do PMDB à prefeitura local. Novas desculpas.



A maratona do general que virou cabo

Nos dias que antecedem as eleições de 15 de novembro, o país vive desgovernado, com o presidente da República fora de Brasília a maior parte do tempo. O general Figueiredo deixou seu cargo no Palácio às moscas para virar cabo eleitoral, rebaixando-se a mero garoto-propaganda do falido PDS. Só de agosto até 13 de novembro, terá visitado mais de 50 municípios, fazendo comícios, suplicando votos para o PDS. (ver mapa)

Nunca na história do país um presidente da República fez campanha eleitoral de forma tão ostensiva como Figueiredo. O que dá o real significado destas eleições: mostra que no dia 15 não estão em jogo apenas as questões estaduais, mas, principalmente, a questão do poder central. O que está em julgamento é o governo militar.

Utilizando-se da "autoridade" de presidente, Figueiredo tem ameaçado a oposição e feito promessas demagógicas, na tentativa de salvar seu partido. Já no dia

15 de julho, em Goiânia, o general deu uma ordem aos seus soldados pedessistas: "Vocês tem que ganhar a eleição de qualquer maneira. Se for preciso, cometeremos até pecado, e que Deus nos perdoe pelos pecados que cometeremos". Deixando claro seu intuito continuísta, ele disse em Governador Valadares, Minas Gerais, no dia 15 de outubro: "Votem nos nossos candidatos para que eu tenha na Assembléia Legislativa e na Câmara Federal uma massa de manobra de que necessito..."

Mas seu esforço, não tem tido êxito. Nos próprios comícios Figueiredo tem sentido o descontentamento popular. Já no comício de Manaus, em 11 de agosto, ele recebeu duras vaias da população amazonense. Autoritário, desabafou: "Se fizeram isto é porque eu dei liberdade". Sua maratona a caça de votos surtiu resultado negativo: identificou, mais ainda o PDS como o partido dos generais, como o partido do governo a fome, da corrupção e do entreguismo.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro João Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDDD-01). Telex: 013133 TLPO BR.

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anja Garibaldi Ltda. Imprimida e distribuída pela Fundação Maurício Grabois, São Paulo, SP.

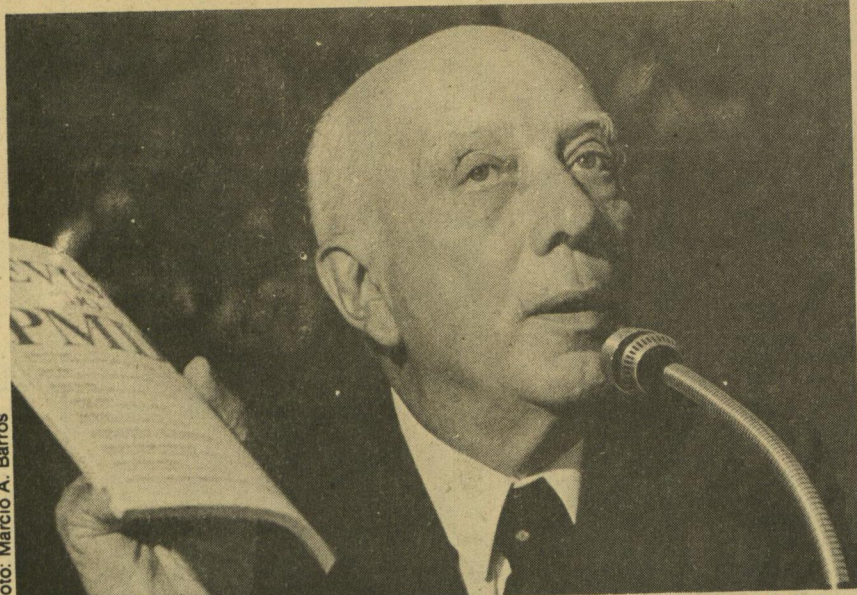


Foto: Marcio A. Barros

Ulysses: "A eleição é um passo fundamental para acabar com o arbítrio"

"A eleição traz a exigência dos operários de que algo precisa mudar no nosso país"

"O que se vai decidir em 15 de novembro é a vontade política da nação, que se organizou, que se impõe e que terá que ser respeitada. A eleição é um passo fundamental para acabar com o arbítrio e suas faces antipopulares e odiosas, como por exemplo a Lei de Segurança Nacional.

"Entendo que a eleição marca uma caminhada na mobilização popular, que não poderá ser

contida, no sentido de democratizarmos a nação no plano federal, com uma Assembléia Nacional Constituinte e a eleição direta do presidente da República, condições fundamentais para a realização de um governo com os compromissos populares, de bem-estar para todos os brasileiros e de justiça social".

(Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB)

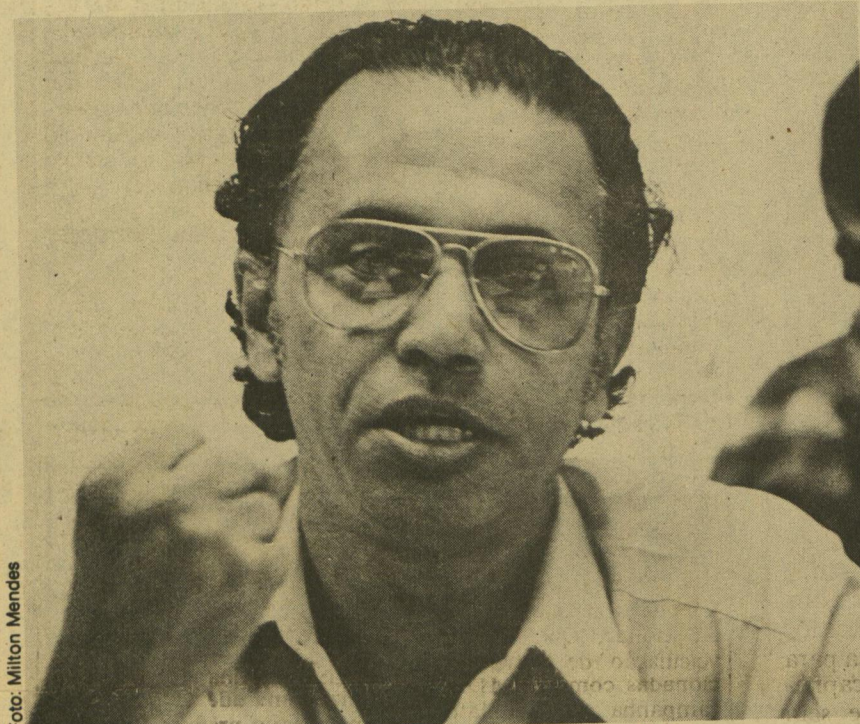


Foto: Milton Mendes

Haroldo Lima: "Fortalecer e organizar a unidade popular"

"Representantes do povo saídos das greves e das lutas de rua"

"Um fato novo nestas eleições é a emergência de novas lideranças na cena política brasileira e baiana. Teremos um número significativo de vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais formados nas lutas de rua contra o regime militar. Por estas portas até então pouco abertas para o povo, passarão os descamisados, os homens que vieram das passeatas, das greves, das assembleias, das invasões, e dos quebra-quebras. O povo vai indicar como seus representantes lutadores que estiveram presos, perseguidos de diversas formas e que defenderam os interesses operários e populares no combate intransigente ao fascismo. Isto fortalece a articulação do movimento popular, criando condições para a realização de encon-

tros, assembleias e congressos de composição popular juntamente com sindicatos e associações para discutir os problemas mais sentidos de nosso país".

"Na campanha do PMDB, o que mais tocou na expectativa do povo foi a idéia de mudar. A questão mais sentida hoje pelo povo brasileiro é pôr fim a esse regime militar e conquistar a mais ampla liberdade política. A séria derrota que o regime vai sofrer nas urnas contribuirá para elevar o grau de organização de nosso povo e elevar o seu nível de consciência política. A vitória da oposição será um passo importante para o tempo novo que surgirá, de liberdade, de alegria, de construção".

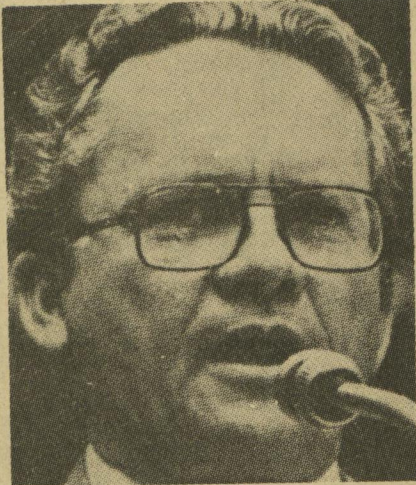
(Haroldo Lima, candidato a deputado federal na Bahia)

"Com as eleições o povo eleva sua consciência política"

"As eleições deste ano, embora viciadas por condições de liberdade limitadas e sob a vigência de um governo que representa a continuidade do arbítrio inaugurado em 1964, são uma importante conquista no caminho da obtenção de plenas liberdades políticas no país. Um passo a mais neste sentido. E o PMDB é o instrumento atual de luta, possível e necessário.

"Teremos uma nova situação política no país depois das eleições. Não só pela vitória do PMDB em diversos Estados e pela conquista de espaços de poder e representação no parlamento. Mas, especialmente, pela experiência que o povo vem vivendo neste processo eleitoral, elevando o seu nível de consciência política. Há necessidade de intensificarmos o trabalho de organização e mobilização popular e articularmos os setores mais avançados e que realmente lutam pelas liberdades políticas plenas, para fazer avançar o processo político.

"O pano de fundo da vida nacional após a eleição será o agravamento da crise econômica e



Alencar, cassado pelo governo

social. O governo continuará na perspectiva das mesmas soluções que tem apresentado: de vender o país no exterior, de comprometer a independência nacional. E como estas não são soluções adequadas do ponto de vista dos interesses do povo, teremos uma situação social muito conturbada".

(Alencar Furtado, deputado cassado, candidato a deputado federal pelo PMDB do Paraná)

A importância desta eleição

A Tribuna Operária ouviu algumas das principais personalidades democráticas e progressistas do país sobre o significado das eleições de 15 de novembro. E todas foram unâimes: é preciso derrotar o governo!



Aurélio numa assembleia: "os operários vão votar no PMDB"

"A eleição marca uma caminhada na mobilização popular pela democracia"

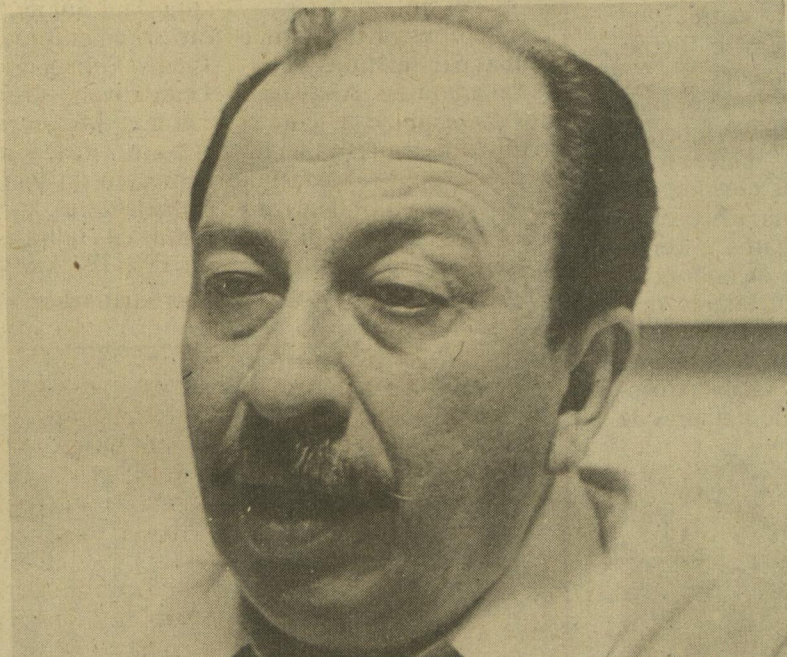
"Do ponto de vista da classe operária, estas eleições são de uma importância fundamental. Elas trazem a exigência do povo de que algo é preciso mudar no país. Embora não tenhamos ilusões de que com elas ocorram mudanças profundas, com as eleições o quadro político vai mudar inevitavelmente. A gente nota nas fábricas que os trabalhadores vão votar no PMDB, porque querem mudar e sabem que este é o único partido em condições de iniciar estas mudanças, derrotando o governo militar.

"O povo quer dizer não ao governo, isto está atravessado na garganta. Os operários não aguentam mais os sacrifícios, as péssimas condições de vida e o desemprego. Sentem que estão carregando o peso da crise econômica criada pelos capitalistas e estão cansados, querem mudar. Os trabalhadores rurais também estão sobrevivendo a

duras penas e querem mudar. O resultado será a vitória oposicionista em vários Estados.

"Eu acredito que após as eleições algo vai mudar no país. O governo não poderá tratar a oposição e o povo como tratava antes. Os governadores de oposição eleitos assumirão o mandato com um grau de compromisso muito maior com o povo e terão dificuldades de fazer um governo que não seja de oposição ao Palácio do Planalto. Isso colocará o regime militar em dificuldades, em maus lençóis. Após as eleições haverá um clima de maior liberdade. O movimento operário e popular terá um espaço maior para se organizar, para travar suas lutas e colocar suas reivindicações. Isto será decisivo para o avanço das lutas do povo e facilitará a conquista de uma democracia no país".

(Aurélio Peres, metalúrgico, deputado federal, candidato à reeleição).



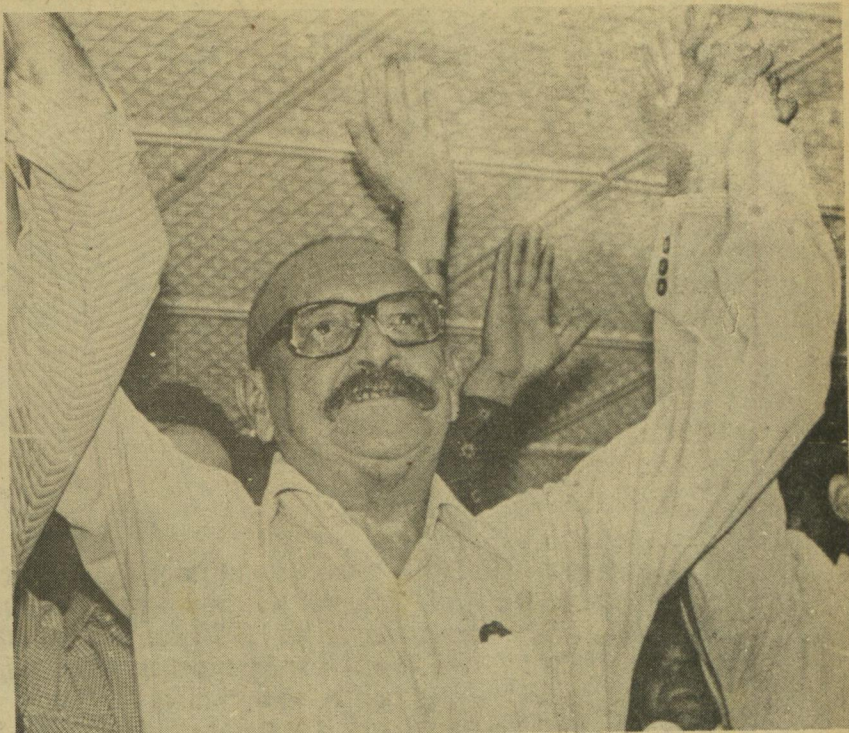
Almino: "o governo autoritário será derrotado nas urnas!"

"Toda sociedade brasileira é contra manutenção do regime"

"O regime autoritário hoje não conta com apoio da sociedade de nenhuma espécie. Salvo os banqueiros e as multinacionais, toda sociedade brasileira é contrária à manutenção do regime autoritário. Este é o fato fundamental. Se as oposições tiverem a maioria expressiva, de Norte a Sul, creio que isso se refletirá também no interior das Forças Armadas. Portanto, as eleições podem abrir a possibilidade de restaurar a democracia plena em nosso país a curtíssimo prazo.

"O PDS está realizando a campanha eleitoral mais desconcertante de que tenho notícia na vida política nacional. Valeu-se da máquina administrativa, dos governos estaduais, do poder financeiro, de golpes baixos, como os impressos clandestinos. Não se deteve até mesmo em usar o próprio Presidente da República, convertido em cabo eleitoral. Mas ainda assim, será derrotado nas urnas!"

(Almino Affonso, ex-ministro do Trabalho, candidato a senador pelo PMDB).



Senador Teotônio: "Acordos secretos de Delfim Neto têm que vir à tona"

"Com o resultado da eleição é que poderemos enfrentar a gravidade da situação nacional"

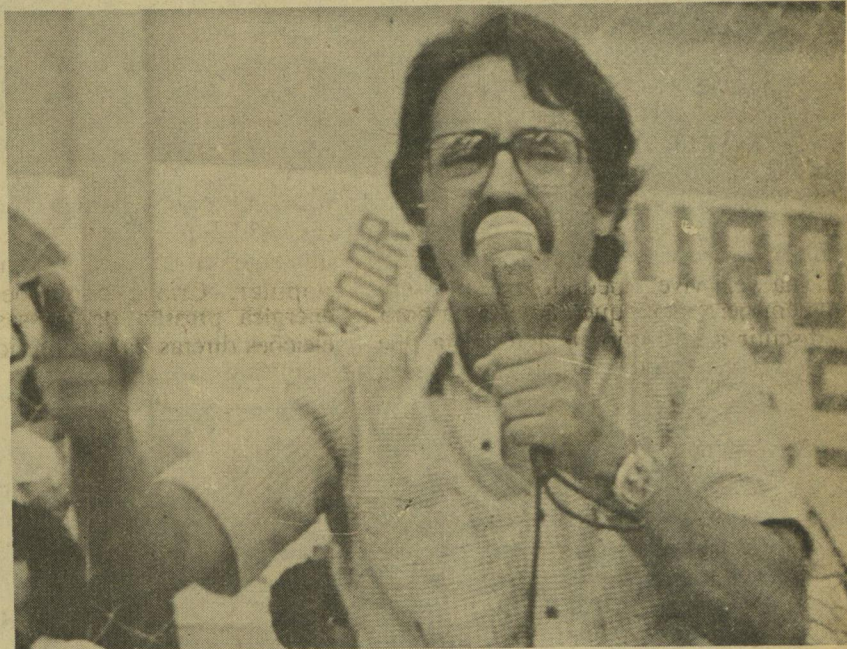
"O pleito do dia 15 será um marco na nossa história. Realizando o pleito, o que eu desejo dizer é que as nossas pretensões não se encerram na eleição. Temos que, imediatamente depois, partir para a construção de novos caminhos que não de nos tirar da anormalidade política, econômica, financeira, social — tudo é anormalidade neste país.

"O apelo que faço desde agora, através da Tribuna Operária, que foi o primeiro jornal a me procurar, o apelo que faço a todos que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos no processo político, é que atentem para a maneira de encerrar o exercício do poder depois do resultado desta eleição. "Ninguém terá condições de

governar este país depois desta eleição sem um mínimo de normas controladoras da política de finanças. O quadro econômico que Delfim Neto vai descerrar para a sociedade brasileira é qualquer coisa de fantástico. Seus acordos secretos com a trilateral terão que vir à tona.

"Com o resultado da eleição que nos dará maior ou menor força, é que poderemos enfrentar a gravidade da situação nacional. A eleição tem a determinação de marcar para o Brasil a institucionalização de normas que nos tornem livres desta opressora dependência da trilateral".

(Teotônio Vilela, senador do PMDB de Alagoas, conhecido como o "senador da Anistia").



Aldo: "Precisamos eleger um grande número de candidatos populares"

"A vitória do PMDB será um importante passo para a democratização do país"

"As eleições para governador representam uma conquista do povo. A vitória do PMDB será um importante passo para a democratização do país. Em Goiás, Iris Rezende passou a simbolizar o sentimento de mudança de nosso povo. Ele assumiu compromissos públicos de que seu governo 'se voltará' para o povo pobre, de que 'não usará a polícia para reprimir o povo', e que as terras devolutas do Estado serão concedidas aos trabalhadores sem terra, e que os ladrões de gravata serão presos.

"O Bloco Popular do PMDB estará atento, não só para cobrar

as promessas do futuro governador, como para lutar pelo fim do regime militar, pela reforma agrária, em defesa da melhoria de vida para o povo.

"A vitória das oposições será mais expressiva se elegermos um grande número de candidatos populares, que façam de seu mandato um instrumento do povo, que esteja sintonizado com o movimento popular".

(Aldo Arantes, coordenador do Bloco Popular do PMDB-GO, candidato a deputado federal).

"No dia 15 de novembro o que se disputa é o fim da ditadura"

"Dia 15 de novembro é o dia do julgamento da política sócio-econômica do governo. O povo compreendeu a importância da liberdade política para se organizar. E o embate eleitoral tem fortalecido o povo. Houve vítimas, algumas fatais, como o nosso candidato a prefeito de São Benedito do Sul, Heliodoro Pereira, a quem presto homenagem. Mas os setores populares da frente peemedebista também se fortaleceram, e a porta está aberta para o trabalho de organização das massas".

"No dia 15 estará em jogo a luta entre o fascismo e as liberdades democráticas. O que se disputa é o fim da ditadura que dura 18 anos."

(Cristina Tavares, deputada federais, do PMDB de Pernambuco, candidata à reeleição).



CDM
Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Grabois

Liberdade, terra, trabalho e independência nacional!

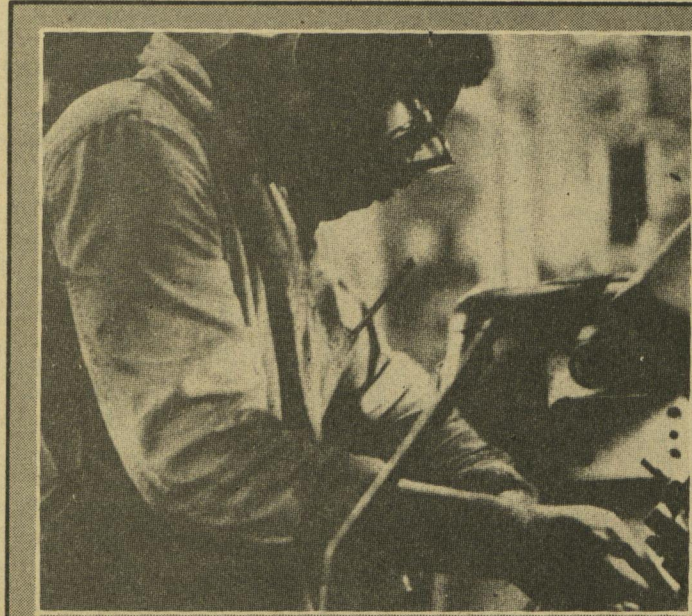
O Bloco Popular do PMDB deverá se afirmar nesta eleição como elemento novo e dinâmico no quadro nacional. Em Goiás, onde o Bloco lançou ainda em 1980 sua plataforma de **Terra, Trabalho, Liberdade e Independência Nacional**, cerca de 15 mil pessoas se comprimiam na Praça Universitária dia 4, para ouvir a mensagem combativa dos candidatos da oposição comprometida com o povo.

O segredo deste prestígio está em aliar muita garra oposicionista e engajamento nas lutas do povo trabalhador com a consciência de que é necessário hoje unir o máximo de forças para derrotar o governo e o PDS. Durante a campanha, ninguém empenhou-se mais do que os candidatos populares na vitória do PMDB. E, de outro lado, os candidatos majoritários peemedebistas deram-se conta da importância deste apoio que tem a força do povo organizado.

No comício de Goiânia, o candidato a governador Iris Resende pediu ao povo que votasse em Aldo Arantes, candidato do Bloco Popular a deputado federal. E sublinhou que Aldo "é o símbolo da resistência da juventude brasileira, e foi durante muitos anos perseguido pelo governo porque lutava ao lado do povo simples e humilde, por melhores condições de vida, saúde e trabalho".

OPOSIÇÃO AGUERRIDA

A presença atuante do Bloco Popular torna o conjunto do PMDB mais aguerrido e radical. Assim, Iris fez no comício um contundente discurso contra a corrupção. "Companheiros — disse — vocês podem ter a certeza, vocês decidiram a já no primeiro mês do meu governo virar a



O ministro Delfim Neto já acerto com os banqueiros internacionais o pacote recessivo de 1983. Haverá novos ataques aos salários. E também um aumento brutal do desemprego, principalmente nas fábricas. Contra isto o Bloco Popular defende o salário desemprego, a volta da estabilidade sem perda do FGTS — e lança a palavra de ordem: Os ricos que paguem a crise!

mesa. A mesa é grande e pesada. Ao virar irá decepar milhares de dedos que estão dentro das gavetas, roubando o dinheiro público. Por isto, preciso do apoio de todos os deputados, dos vereadores e,

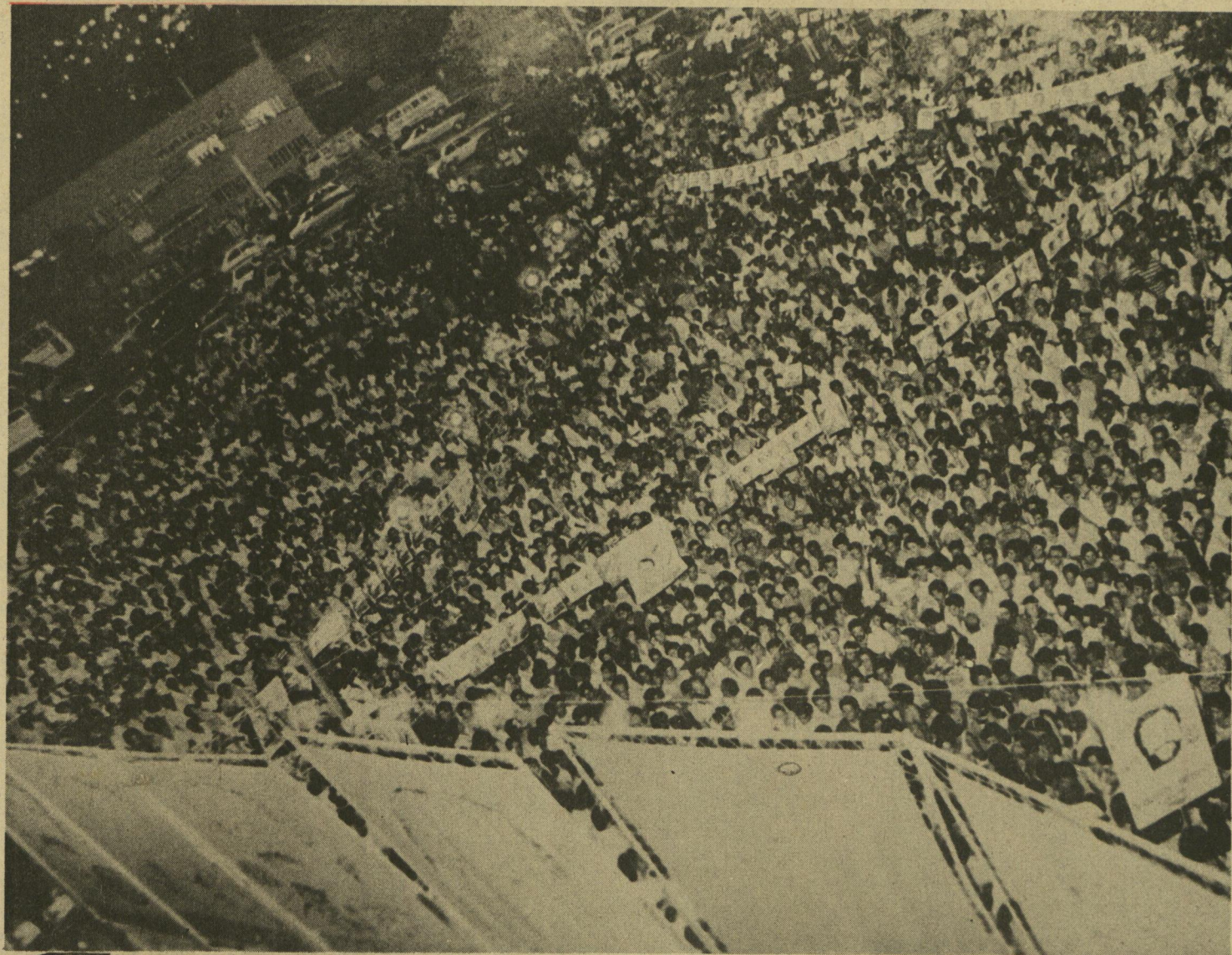
principalmente, do povo goiano".

A tônica dos discursos foi de condenação violenta do regime militar — tanto dos candidatos do Bloco Popular como de Mauro Borges, candidato ao Senado. E a situação desesperadora do PDS em Goiás ficou patente quando, pouco antes, um comício dos situacionistas não conseguiu juntar nem mil pessoas, na praça Cívica.

SEM BARREIRAS

"Agamenon Siqueira, pra você não tem barreira!" — improvisa o povo de Divinópolis, Minas Gerais, reunido num comício do PMDB com a presença de Tancredo Neves. E depois do comício os partidários do professor que candidatou-se a deputado estadual pelo Bloco Popular ainda saem em caminhada, cantando "Tancredo no governo e Eliseu no xadrez".

Em Contagem e Betim, fortes concentrações operárias, Agamenon está constantemente na porta das fábricas, junto com seu parceiro de chapa José Luis Guedes, que concorre à Câmara Federal, e diversos candidatos a vereador, inclusive metalúrgicos. "É preciso encurralar e desmoralizar este governo que há 18 anos está aí, responsável pela tortura de vários patriotas, pela fome de milhares de



Os 15 mil reunidos em Goiânia e a torcida na Bahia, em favor do Bloco Popular — uma força que empurra o PMDB para adiante



brasileiros, pela falência do país" — comenta Guedes.

Também no Rio Grande do Sul as candidaturas populares deitam raízes. A situação eleitoral é complexa, com a unidade oposicionista sendo torpedeada pela candidatura paralela de Alceu Collares, do PDT — que Leonel Brizola faz questão de incentivar mesmo ao preço de entregar o

governo do Estado ao pedesista Jair Soares. Neste quadro, candidaturas como a de Fredo Ebling, à Assembleia Legislativa, e Jussara Cony, à Câmara Municipal de Porto Alegre, despontam como expressão do sentimento dos trabalhadores, que dizem na portas das fábricas: "Tem que ser PMDB".

(das sucursais)



Dezoito anos de fascismo, tortura, morte, convenceram os trabalhadores de que nada é mais precioso para eles do que a conquista da liberdade. Por isto o Bloco Popular levanta a bandeira do fim do regime militar, para que se forme um governo democrático e de unidade popular, com a missão de convocar uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana.



É o próprio Figueiredo quem diz que hoje o país trabalha só para pagar a dívida externa — a maior do mundo, para a nossa desgraça e por culpa do regime vende-pátria. O Bloco Popular está convencido de que sem sair desta situação e sem cortar as garras das multinacionais que exploram não se pode falar em verdadeira independência nem em bem-estar do povo.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Aurélio Peres, deputado Operário do Bloco em São Paulo



Há no Brasil 8 milhões de bóias-frias e camponeses sem terra. Outros 2,6 milhões são pequenos lavradores com menos de 3,5 hectares cada. Mas os grandes latifúndios, que são 2.400 apenas, têm sete vezes mais terra do que todos eles juntos! Por isto o Bloco Popular luta por uma Reforma Agrária Radical — que dê a terra aos que nela trabalham.



Em Recife, Marcos, Cid e Jarbas em meio aos cartazes do candidato popular Luciano Siqueira